



# “ESTE SERÁ O SÉCULO DA CORRIDA AOS OCEANOS,

O restaurante-bar do Casino Figueira, Álea, foi o local escolhido para o lançamento do livro “O Mar no século XXI”, da autoria do comandante figueirense Armando José Dias Correia.

A sessão de apresentação da obra contou com a presença, na mesa, do presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, João Ataíde; do Contra-Almirante António da Silva Ribeiro, Subchefe do Estado-Maior da Armada, e do professor Armando Teixeira Carneiro, pela FEDRAVE – Fundação para o Estudo e Desenvolvimento da Região de Aveiro –, fundação que tutela o Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração (ISCIA) e que promoveu a edição do livro. Presentes na plateia estiveram ainda, entre outras personalidades, o administrador dos Portos do Centro (Figueira da Foz e Aveiro), Rui Paiva; o vice-almirante Henrique da Fonseca, presidente do Observatório de Segurança Marítima, do ISCIA e director da Revista da Marinha; os vice-almirantes Victor Cajarabille e José Joaquim Conde Baguinho, ambos ex Vice-Chefes do Estado-Maior da Armada e, o primeiro, actualmente coordenador do Departamento de Tecnologias do Mar (DETMAR) do ISCIA; diversos quadros da Marinha e Escola Naval; os comandantes Orlando Termes de Oliveira, Secretário-Executivo do Observatório de Segurança Marítima, do ISCIA; Rui Amado, capitão do Porto da Figueira da Foz e João Afonso Coelho Gil, capitão do Porto de Aveiro.



Armando Teixeira Carneiro (FEDRAVE e ISCIA) e o autor do livro, comandante Armando José Dias Correia

## DESÍGNIO NACIONAL

Na sua apresentação da obra, Armando Teixeira Carneiro, justificou a intervenção da FEDRAVE na divulgação do trabalho do comandante Armando José Dias Correia.

“Cremos que é o Mar, uma vez mais e talvez derradeiramente, o designio que Portugal tem que assumir para ultrapassar os mares encapelados e ventos fortes de rajada que se abatem sobre nós”, afirmou, considerando que “no fim de um novo curto período de deslumbramento, virados quase que exclusivamente para a Europa, temos que entender que só nos afirmaremos dentro de uma nova Europa alargada se cumprirmos os nossos designios de sempre: o mar oceano como zona de expansão e as mais-valias das nossas relações transoceânicas, nomeadamente as geradas dentro da CPLP, na busca da constante de sempre: o equilíbrio entre as forças gravitacionais geradas no Mar e na Terra”.

Sublinhando que a zona centro do país, “de grandes tradições nas pescas, longínqua e costeira”, se apresenta hoje como “um incontornável pólo logístico dada a importância dos denominados Portos do Centro – Figueira da Foz e Aveiro – para o eixo logístico Aveiro/Figueira da Foz – Viseu – Guarda – Salamanca – Valladolid”, Armando Teixeira Carneiro centrou o seu discurso numa perspectiva macro. “A transferência de gestão dos recursos vivos da área Económica Exclusiva para Bruxelas, nas condições actuais do equipamento nacional, é um aviso que precisa de ser escutado pela gestão política, e apoiado pelo saber e saber fazer a cargo da renovada e fortalecida rede de ensino”, alertou.

Neste âmbito, para além do apoio a obras como a do comandante Dias Correia, está na forja

“uma edição fac simile de um trabalho com 100 anos: Portos e Canaes do Comandante António Arthur Baldaque da Silva, figura ímpar da história da hidrografia portuguesa, assim como seu pai, o Vice-Almirante Francisco Maria Pereira da Silva”, dois notáveis oficiais e engenheiros hidrografos da Marinha, do século XIX e primeira década do XX, para com quem a Figueira da Foz tem “dívidas abertas”. Sobre a obra “Portos e Canaes”, Teixeira Carneiro adiantou ainda que esta “descreve um estratégico projecto, datado de 1913, para a Baía de Buarcos: o porto oceânico do Cabo Mondego quando Portugal ainda não tinha nenhum porto de águas profundas”, e que a sua republicação irá dar a conhecer “para além de um projecto grandioso mas hoje já ultrapassado, alguns idiossincrasias e incapacidades que não vencemos até hoje mas que têm que ser vencidas”.

Sobre o futuro, Teixeira Carneiro revelou a vontade de vir a estabelecer na Figueira da Foz, em parceria com a Marinha e com a APFF – Administração do Porto da Figueira da Foz, alguns cursos superiores e cursos profissionais “que criem competências para, de facto, nos virarmos ao Mar”.

Coube ainda ao director do ISCIA anunciar para breve uma segunda edição da obra, depois de estar praticamente esgotada a primeira edição, de 1500 exemplares, “tal o entusiasmo com que a obra está a ser recebida”.

## DO PASSADO PARA O FUTURO

O Almirante António da Silva Ribeiro, Subchefe do Estado-



António da Silva Ribeiro

Maior da Armada, considerou que o livro «O mar no século XXI», tem “grande valia para apoiar os estudos estratégicos ligados ao mar”.

“Este livro só podia ter sido escrito por uma pessoa que vive o mar desde que nasceu”, afirmou, numa referência directa à naturalidade figueirense do autor da obra que, actualmente, é comandante do reabastecedor de esquadra Bérrio.

Silva Ribeiro afirmou ainda que “vivemos no século em que o mar se tomou central nas relações internacionais”, ou seja, numa época em que Portugal “não só não pode alhear-se desta realidade, como até tem razões para sentir que se oferecem novas e extraordinárias oportunidades para se afirmar e desenvolver, desde que possua uma estratégia marítima compatível com os seus objectivos.”

E se no passado os oceanos foram associados à abundância de recursos e à capacidade para absorver o impacto dos usos e abusos do Homem, com uma jurisdição marítima dos Estados quase residual e uma navegação

sem limitações, porque os recursos abundavam e a poluição marítima era negligenciável. “o rápido progresso da ciência e da tecnologia alcançado no século XX, permitiu uma melhor compreensão do impacto das actividades humanas no mar, o que, combinado com a sua difusão à escala mundial, alterou a crença de que nele se podiam acomodar todos os interesses da Humanidade”, contextualizou. Hoje, a estratégia surge como “um instrumento essencial para os Estados mobilizarem as vontades dos cidadãos para os objectivos marítimos e nacionais e, também, para edificar, organizar e empregar as capacidades materiais e humanas do país na concretização desses objectivos”. No fundo, para responder à primeira de todas as questões relevantes para o tema – “onde se está?” em termos do valor do mar para Portugal – é preciso analisar factores internos e externos, defendeu, tecendo uma breve análise SWOT para concluir que “o trabalho apresentado pelo comandante Dias Correia é um estudo estratégico que, pela sua estrutura e conteúdo, responde, com rigor e profundidade” à questão levantada. Razões de sobra para o almirante Silva Ribeiro considerar que a obra apresentada é “um trabalho abrangente e bem documentado, que se constitui como um excelente texto, que enriquece a cultura marítima nacional e apoia quem pretende perceber o valor presente e futuro do mar para Portugal”.

## PALAVRA AUTORIZADA

Para o comandante figueirense Dias Correia, esta apresentação da sua obra foi especial. “Foi

percurso o mais abrangente possível, “envolvendo universidade, empresas e Estado” na defesa do futuro desta “Nação valente e imortal”, que continua a ter no mar “o seu destino de glória”.

**RES NON VERBA**

São as acções, e não as palavras, que justificam os planos. Por isso, na sua intervenção, João Ataíde – depois de endereçar os parabéns ao autor da obra – preferiu apelar à passagem das ideias aos actos. “Vejo muita vontade e pouca planificação”, lamentou, referindo-se à reorganiza-

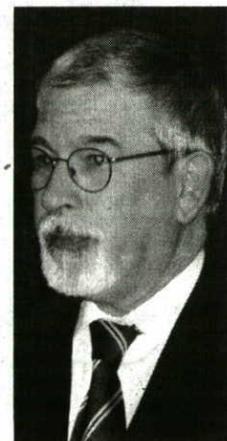
ção portuária nacional. “Estamos indissociavelmente ligados ao mar, e é com o mar que queremos crescer”, disse, sublinhando que as autarquias precisam de orientações práticas.

À margem da apresentação do livro, o vice-almirante Victor Cajarabille, ex Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada e actualmente coordenador do DET-

sem limitações, porque os recursos abundavam e a poluição marítima era negligenciável. “o rápido progresso da ciência e da tecnologia alcançado no século XX, permitiu uma melhor compreensão do impacto das actividades humanas no mar, o que, combinado com a sua difusão à escala mundial, alterou a crença de que nele se podiam acomodar todos os interesses da Humanidade”, contextualizou. Hoje, a estratégia surge como “um instrumento essencial para os Estados mobilizarem as vontades dos cidadãos para os objectivos marítimos e nacionais e, também, para edificar, organizar e empregar as capacidades materiais e humanas do país na concretização desses objectivos”. No fundo, para responder à primeira de todas as questões relevantes para o tema – “onde se está?” em termos do valor do mar para Portugal – é preciso analisar factores internos e externos, defendeu, tecendo uma breve análise SWOT para concluir que “o trabalho apresentado pelo comandante Dias Correia é um estudo estratégico que, pela sua estrutura e conteúdo, responde, com rigor e profundidade” à questão levantada. Razões de sobra para o almirante Silva Ribeiro considerar que a obra apresentada é “um trabalho abrangente e bem documentado, que se constitui como um excelente texto, que enriquece a cultura marítima nacional e apoia quem pretende perceber o valor presente e futuro do mar para Portugal”.

## RES NON VERBA

São as acções, e não as palavras, que justificam os planos. Por isso, na sua intervenção, João Ataíde – depois de endereçar os parabéns ao autor da obra – preferiu apelar à passagem das ideias aos actos. “Vejo muita vontade e pouca planificação”, lamentou, referindo-se à reorganiza-



Victor Cajarabille

ção portuária nacional. “Estamos indissociavelmente ligados ao mar, e é com o mar que queremos crescer”, disse, sublinhando que as autarquias precisam de orientações práticas.

À margem da apresentação do livro, o vice-almirante Victor Cajarabille, ex Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada e actualmente coordenador do DET-



# EM BUSCA DOS RECURSOS QUE GUARDAM”



**João Ataíde ouviu mas também falou: pediu orientações práticas para as autarquias**

MAR do ISCIA, também abordou o problema.

Considerando que o livro do comandante Dias Correia “é dos mais importantes que se têm publicado no que diz respeito ao mar, porque foca todos os aspectos relevantes” e devia ser lido por todos os estudiosos e amantes do mar”, Victor Cajarabille não tem dúvidas: “Há muitos estudos que demonstram que o mar e os seus recursos estão no futuro não só de Portugal mas do mundo inteiro”.

Por isso, o coordenador do

DETMAR do ISCIA, defende que o Portugal, “tendo o mar que tem, forme o maior número de especialistas possível”. Mas o investimento na formação académica direccionada para o mar não basta, admite.

“Como disse o presidente da Câmara, é necessária uma estratégia nacional para o mar”, afirmou. Essa estratégia, prosseguiu, tem de ser afirmada por uma “entidade nacional com poderes transversais efectivos”, que esteja “exclusivamente preocupada com esta questão, com

a definição de projectos concretos que, entre outras funções, possam, orientar as câmaras”. Uma estrutura que tanto pode ser uma secretaria de Estado como uma estrutura de outro tipo, mas que tem de ser implementada pelo governo. “Existe uma comissão interministerial para os assuntos do mar... mas tem de ser uma estrutura com poderes mais concretos”, defendeu. “É preciso por as coisas em prática”, concluiu.

**Andreia Gouveia**



**Uma sessão de autógrafos encerrou a apresentação do livro no Casino Figueira**